

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES- ARTES VISUAIS

SÍLVIA MARTINS PARREIRA

RASGOS, ESPERAS E OUTROS DIZERES DO CORPO

UBERLÂNDIA

2019

SÍLVIA MARTINS PARREIRA

RASGOS, ESPERAS E OUTROS DIZERES DO CORPO

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à banca examinadora do
Instituto de Artes, da Universidade Federal
de Uberlândia, para obtenção de grau de
licenciatura e bacharelado em Artes Visuais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana Sampaio
Ferraz

UBERLÂNDIA

2019

Agradecimentos

Sou grata a todas as pessoas que, independente do meio ou forma, contribuíram para que eu estivesse no curso de Artes Visuais e pudesse realizar este trabalho.

Agradeço a minha orientadora Tatiana por ter topado entrar comigo nesse percurso tão importante da minha formação como artista. Obrigada por todos os ensinamentos, pelo cuidado e disponibilidade nas orientações;

Aos membros da banca, Marol e Ronaldo, pela gentileza de terem aceitado dedicar parte dos seus tempos na avaliação deste estudo;

À minha mãe e aos familiares que se esforçam para me compreender, me acolher e auxiliar. À Cris, pela afinidade, por sempre estar atenta e querer notícias do meu trabalho;

Ao meu companheiro Joabe por todo amor, ajuda, escuta e dedicação ao nosso relacionamento e, em especial, a este projeto. Por me compreender e compartilhar sua vida comigo;

À minha amiga Tayná por me ouvir, oferecer sua atenção, amizade e dicas de artista para artista. Pelo texto maravilhoso que me deixou emocionada. Por acreditar em mim;

Às minhas amigas Daiane, Débora e Camila, por me apoiarem e me darem carinho, mesmo eu sendo a ovelha esquisita deste rebanho;

Às queridas Bárbara e Mari pelas conversas e trocas sempre muito bonitas;

Ao professor Paulo Buenoz e à professora Juliana Bom-tempo, por me ensinarem tanto sobre performance. Ao Paulo, por acreditar na minha potência enquanto corpo; à Juliana, por oferecer algumas das minhas experiências mais intensas como artista;

À Marcinha, pelas trocas energéticas, pelas conversas, poesias, por me inspirar a ir além das convenções;

Ao Danilo, por todas as ajudas tecnológicas;

Ao Robisson, por todo incentivo. Por ser meu padrinho literário;

À Jéssica, por compartilharmos as angústias e belezas do mesmo momento;

A todas as pessoas que foram visitar a exposição, em especial o Mateus e o Igor, por estarem sempre presentes;

Por fim, agradeço a literatura e as artes, por me salvarem todos os dias.

Resumo

Este estudo consistiu na realização de um trabalho em Artes Visuais, feito a partir da minha escrita poética. Um livro de poesia escrito por mim e feito de forma artesanal foi a base para que eu desenvolvesse dois vídeos-performance e dois conjuntos de pinturas que fazem parte do livro, e que também foram reproduzidas em grande formato, tendo tecidos transparentes como suporte.

Palavras chave: poesia; performance; vídeo; pintura

Abstract

This study consisted of a work in Visual Arts, made from my poetic writing. A handcrafted poetry book of mine was the basis for me to develop two performance videos and two sets of paintings that are part of the book, which were also reproduced in large format, with transparent fabrics as a support.

Key words: poetry; performance; video; painting

Sumário

O início.....	6
Sobre o pretender.....	11
Trajectoria e experiências artísticas.....	12
Para construir a exposição.....	22
Artistas que inspiram.....	40
Reverberações.....	46
Notas bibliográficas.....	47
Notas de imagens.....	48
Referências bibliográficas.....	49

O início

Idas, vindas e o medo de ser quem se é

As artes me acompanham desde que tenho lembrança. O desenho, teatro, dança, música e a escrita são as áreas artísticas com as quais mais tive contato ainda na infância. Durante alguns períodos, posteriormente, abandonei quase que completamente a arte, numa recusa (que depois compreendi ser medo) de me envolver de modo mais próximo com ela. Mais tarde, entendendo que ser artista seria um dos meus motivos de existência, retomo primeiramente a escrita, e depois ingresso no curso de Artes Visuais.

A decisão de fazer a faculdade de artes e, mais ainda, de me apropriar do ser artista, não foi simples e nem rápida. Terminei o ensino médio em 1998, e na época eu não tinha as informações sobre quais possibilidades existem para uma artista no mercado de trabalho. Mesmo gostando da área há muito tempo, passei por vários caminhos que incluíram aproximações e distanciamentos, medo de não conseguir ter independência financeira, períodos de depressão, medicamentos, terapia, anos de trabalho nas camadas de base em empresas privadas, e uma graduação no curso de Psicologia. Foi no final dessa graduação, já bem desanimada por não estar feliz com o caminho que havia escolhido, que resolvi começar a pensar mais seriamente em um dia trabalhar com arte. Não sabia como, não tinha ideia do que fazer, mas havia o desejo.

Perto da formatura em Psicologia, eu estava totalmente perdida e buscando novos sentidos para a minha vida. Depois de formada atuei como psicóloga durante dois anos em um emprego com o qual não me identificava. Nesse período pós formatura, comecei a escrever mais intensamente e decidi mandar poesias minhas para concursos literários e também mostrar o que escrevia para um produtor cultural da cidade, Robisson Albuquerque, organizador das Noites literárias, que são eventos mensais em Uberlândia, com música e poesia. Tive poemas meus publicados e comecei a participar das Noites literárias. Isso fez com que me sentisse pertencente a um lugar, a um território-casa, um espaço onde eu podia ser. Nessa mesma época, fiquei sabendo através de uma conhecida que havia feito alguns semestres de Artes Visuais, que o curso não tinha mais a prova de habilidade específica. Sempre tive medo dessa prova e sempre me julguei incapaz de ser aprovada nela; portanto, nunca sequer havia tentado. Essa era a notícia que eu precisava para tomar a minha decisão. Em 2015 ingressei nas

Artes Visuais e, apesar do curso estar longe de ser um mundo perfeito, nunca fui tão feliz com uma escolha.

Sentido

Sempre tive em mente que se eu fosse passar grande parte do meu tempo de vida em um trabalho, essa atividade deveria ter um sentido, um propósito. Trabalhar para sobreviver, ter um emprego em um lugar que não criei, fazendo um serviço que me ordenam fazer, produzindo algo que não será meu, e sem ver um fundamento maior nisso tudo, foi a minha realidade por bastante tempo, assim como é para a imensa maioria da população. E eu tinha consciência de que precisava encontrar uma outra forma possível de existência. Uma maneira que não me fizesse sentir que estou passando pela vida para *ter*, mas para *ser*.

O campo das artes muitas vezes é romantizado, assim como a figura do artista sofredor. Sempre ouvimos falar de artistas que tiveram vidas boêmias, ou morreram na pobreza, ou enlouqueceram.¹ Quando se está em um mundo no qual precisamos ser úteis para o sistema vigente, as pessoas que escolhem a área artística, caso queiram viver somente comercializando as próprias obras, muitas vezes não conseguem ter os ganhos financeiros básicos para a sobrevivência. Alguns poucos entram num mercado milionário, mas a grande maioria luta para pagar as contas, e muitas vezes precisam conciliar a arte com outras profissões². No meu caso, decidir ser artista e abandonar uma profissão na qual eu já estava atuando, foi considerado uma grande ousadia por parte de várias pessoas que conheço. Por outro lado, existiram algumas que ficaram até aliviadas em saber que eu estava finalmente no caminho que me deixa feliz. As pessoas próximas que realmente nos compreendem são poucas, mas são imprescindíveis para a continuidade no processo de existir.

Penso que, para mim, a tentativa é sempre buscar o equilíbrio entre a produção artística pessoal (que pode ter ou não retorno financeiro, mas geralmente procuro que tenha) e outros trabalhos que possuem maiores possibilidades de existência mais imediata desse retorno (como dar aulas, por exemplo). Atualmente consigo enxergar várias possibilidades de atuação, sendo em instituições (museus, escolas, galerias, universidade) ou de forma autônoma (produção cultural, editais com premiação ou editais de leis de incentivo, venda de trabalhos em feiras ou pela internet, aceitando

encomendas, oferecendo cursos particulares). Sendo uma artista-etc.³ Só não vejo mais essa trajetória fora das artes, apesar de saber que não é fácil fazer essa escolha e persistir nela, principalmente sendo mulher, estando em uma sociedade patriarcal, e vindo de uma família em que, para muitas pessoas, não é tão importante a profissão que eu escolha, já que de qualquer maneira, devo ser validada por um marido/homem e teria como papel fundamental a maternidade e o ser cuidadora.

Essas considerações iniciais não são meras histórias sobre como cheguei até a faculdade de artes ou como retomei minha relação com a escrita literária. Tudo isso sobre ser mulher, ter paixão pelo que faço, necessidade de sobrevivência, dificuldades financeiras e de me adequar a um sistema imposto, desejo de viver a arte como forma de existência e deixar que minha sensibilidade seja algo potente, e não motivo de sofrimento, faz parte de quem eu sou e influencia no meu processo de criação. Em especial quando se trata de um trabalho que pretendeu ser visceral como este. Um estudo que passa pelo corpo, um corpo ora rasgado, vivo, dilacerado, e ora letárgico, que flerta diretamente com a morte.

O surgir da temática e linguagens

Escrever sempre foi uma necessidade. Em períodos de não escrita sinto que tenho um recolhimento, um hiato, a sensação de que não estou vivendo de acordo com o que deveria ser. Clarice Lispector, em sua última entrevista, concedida à TV Cultura, disse que “quando não escrevo estou morta”⁴. Morte talvez não seja a palavra que caiba pra mim nesse caso, mas talvez um estado de latência ou uma ausência de mim mesma. Ausência essa que depois se transforma em incômodo, em angústia, em desejo, até que a criação em forma de palavra acontece, e um pedaço de quem eu sou flui para o papel.

Minha escrita teve algumas fases, passando por temáticas e maneiras de me expressar diferentes. Os poemas que estão neste trabalho falam primordialmente do corpo, seja ele de forma física, ou de incômodos, urgências, esperas e situações que terminam por afetar esse corpo. Portanto, esta palavra aqui tem um significado mais amplo, não apenas no sentido da matéria, em sua totalidade ou em partes, mas significando também o existir, já que esta existência só acontece porque está vinculada à realidade deste corpo.

Ao buscar uma temática para a monografia, me lembrei dos ensinamentos do professor Paulo Buenoz, e fiz o exercício de não ser muito racional. Deixei que surgissem assuntos que me atravessam de alguma forma. Tentei compreender de qual maneira eu gostaria de finalizar este curso. Como eu tenho vontade que minha expressão artística seja registrada oficialmente na Universidade? Fiquei com essas questões por um bom tempo e, num processo de recapitular o que mais apareceu nos meus trabalhos durante o curso, e também o que mais poderia ter força em uma produção autoral, concluí que gostaria de desenvolver um trabalho em artes visuais que partisse da minha própria escrita poética. Essa escrita é essencialmente íntima, e acredito que seja a melhor forma de me colocar como artista e finalizar o processo do bacharelado.

Baseada nisso, tive vontade de reunir meus poemas em um livro artesanal, e também realizar uma exposição que tivesse como base esse conjunto poético.

Esses foram os pontos iniciais para o desenvolvimento deste projeto. Não tinha muitas certezas sobre qual linguagem utilizaria nessa exposição, e durante as orientações com a professora Tatiana Ferraz, fui descobrindo não somente o que eu achava interessante fazer, mas principalmente o que essa produção artística em específico pedia.

Escolhas

Não sou uma pessoa que desde muito cedo se identificou com uma linguagem e buscou aprofundar os estudos de modo mais focalizado. Gosto de muitas formas de expressão artística, e isso acaba sendo uma dualidade: me proporciona uma abertura para experimentos novos, e não tenho uma criação ligada à rotina, mas, por outro lado, penso que poderia me desenvolver melhor, ter uma técnica mais apurada, e realizar um trabalho de maior qualidade se me dedicasse mais a um conhecimento.

Porém, mesmo não afunilando minha produção, durante o tempo de curso, seja dentro das disciplinas ou em projetos pessoais, pude perceber que desenvolvi estudos ligados a algumas linguagens com as quais me relaciono mais, e também que alguns elementos ou temáticas aparecem com maior frequência. Os trabalhos com fotografia, vídeo, performance e poesia, através das temáticas do feminino, corpo, política e crítica social, são os que considero principais.

Mas, independente do que eu já havia feito, uma das questões que mais acreditei ser importante era: o que pede *este* trabalho? Como ele terá mais força? Como ele fluirá melhor? Qual suporte? Qual técnica? O livro já era um objeto/ponto de partida, mas e o restante da exposição? Com essas inquietações, deixei que meu próprio corpo respondesse. E esse corpo fez-se presente em todos os elementos que compõem a mostra desta monografia.

Primeiramente, já tendo experiências anteriores, a performance poderia permitir a esse corpo muito do que fosse necessário. Se o corpo pede gritos ou se pede apatia, eu poderia conseguir através dessa linguagem. Decidi então optar pelo vídeo-performance exibido de modo contínuo, pois não queria apenas um momento de apresentação, mas sim, algo que pudesse ser insistente, infinito dentro do tempo que lhe cabe. Fiquei satisfeita com essa conclusão, mas o trabalho pedia mais. Eu queria proporcionar um ambiente para mim mesma e para as pessoas visitantes, um algo que as fizesse imergir, que pudesse ser sentimento em materialidade.

Comecei a me imaginar dentro da galeria onde a exposição acontecerá, e meu corpo, já tão exposto e vivo no vídeo-performance, pediu uma ambientação com o toque de tecidos transparentes. Tecidos em tamanhos grandes, que são suporte para uma pintura com movimentos ora bruscos, ora lentos, um pintar não somente com o pincel, mas com todo o corpo.

Decidi ainda que essas pinturas seriam versões maiores de algumas imagens que comporiam o livro. O trabalho, então, passou a ter formas, sentido, significado, e a linguagem escolhida para o conjunto foi a instalação. Já havia tido experiência com instalação antes, e me sinto bastante confortável em idealizar algo artisticamente no espaço.

Sobre o pretender

A intenção deste estudo foi realizar um trabalho prático em poéticas visuais, com a feitura de um livro de poesias e uma instalação na Galeria do bloco 1I, composta por pinturas em tecidos transparentes e projeções de vídeo-performance, a fim de produzir um ambiente que provocasse sensações a respeito do corpo. Quis que o livro também tivesse imagens, algumas das quais seriam reproduzidas de modo semelhante em tamanho maior nos tecidos, formando o conjunto das pinturas expostas na galeria. Essas imagens não são ilustrações que dizem de poemas específicos, e sim integram um conjunto visual que compõe o trabalho. Esses objetivos iniciais depois se desdobraram e fiz escolhas a respeito de quantidades, texturas, gestuais, cenas e cores, que serão explicadas posteriormente no decorrer deste texto.

Trajetória e experiências artísticas

O que pretendi com este trabalho e a maneira como ele foi construído, não aconteceu, obviamente, por acaso. Além de todas as vivências anteriores à faculdade, realizei algumas atividades e exposições que me permitiram chegar a este resultado.

Asfalto

Nos anos de 2017 e 2018, fui integrante do grupo de performance Asfalto, coordenado pela professora Juliana Bom-tempo. O grupo trabalhava pesquisas prático-teóricas a respeito das urbanidades, e as intervenções performáticas aconteciam em sua maioria em espaços públicos da cidade. Foi criado em 2016, vinculado aos cursos de dança e de filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, e como material teórico havia estudos das concepções filosóficas de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e Gilbert Simondon⁵.

Os semestres em que estive no grupo foram uns dos mais intensos que vivi artisticamente. Particpei de performances dentro da Universidade, em salas ou em locais abertos no *campus*, e também em praças e outras instituições públicas. As pessoas que assistiam tinham diversos tipos de reação, desde uma tímida curiosidade, até intervirem nas performances dizendo frases de apoio ou fazendo uma crítica mais agressiva. Compreendi nessa época a força que a performance tem, a capacidade dessa arte de movimentar tudo em volta, de questionar, sair do lugar confortável, do óbvio ou comum. Várias das ações que participei haviam nudez; comecei a perceber a potência do corpo nu, e me questioneei sobre em quais momentos uma performance pedia ou não a nudez. Entendi que as pessoas em geral associam a nudez à sexualidade, e um corpo nu só será visto como instrumento artístico a medida em que a arte for ocupando os mais variados espaços e os/as artistas possam ter liberdade de criação e execução de seus trabalhos. Algumas performances como por exemplo a *Com-tensões*, foram muito mais significativas, com uma grande exigência emocional do grupo, e não tiveram tanto impacto nas pessoas que assistiram. Já uma performance com nudez, como *Jardimdingente*, que era uma ação leve e descontraída, causou uma grande polêmica na cidade.

Ficar nu exige um entregar-se ao olhar julgador do outro. Ainda hoje a nudez é considerada um afronte. O ser humano está cada vez mais construindo muros e tornando suas relações digitais, distanciando-se do corpo, um corpo que tem cheiros, que produz excreções, sente dor, precisa de toque e afeto. Utilizar o corpo artisticamente na era digital é em si um ato político, esteja nu ou com roupas⁶.



Performance *Com-tensões*. Grupo Asfalto, 2017. Foto: Joabe Romed



Performance *Jardimdingente*. Grupo Asfalto, 2017. Foto: Carla Fernanda

Programa Municipal de Incentivo à Cultura- PMIC

Ter poemas meus publicados em coletâneas e também participar das Noites literárias, como já mencionei, fez com que eu organizasse um pequeno currículo e me aventurasse pelos editais de lei de incentivo. Idealizei um projeto chamado Vivências Poéticas, que consistia em oferecer oficinas de poesia para estudantes da EJA em diversas escolas, e depois reunir em um livro o material escrito pelos alunos e alunas. O projeto foi aprovado e, no ano seguinte, consegui nova aprovação para dar continuidade a ele, com a realização de novas oficinas, mas desta vez dirigindo um documentário sobre as histórias desses estudantes, como produto final. Eu nunca havia feito nada relacionado ao vídeo, e apenas segui o que já havia visto em outros vídeos e filmes: basicamente, a minha intuição e meu amor pelo cinema para poder realizar este trabalho. Muitas atividades, pouca verba, equipe super reduzida, zero experiência e muita vontade de fazer. O resultado não ficou dos melhores, mas me serviu de experiência sobre várias coisas que precisava saber para dirigir algo assim: captação de áudio, movimentos de câmera, roteiro, montagem das cenas, planejamento, decidir sobre que tipo de música ou sons seriam mais adequados para passar determinadas sensações, equipamentos que são necessários, e várias outras aprendizagens. A partir daí comecei a trabalhar em outros projetos de audiovisual, tanto na parte de roteiro e montagem, quanto na direção de arte, e posteriormente co-dirigi mais um documentário, desta vez sobre fotografia analógica, com verba do PIAC, um programa de apoio à cultura oferecido pela UFU.

Atualmente, estou com outro projeto pelo PMIC, desta vez na área específica de audiovisual (pois o Vivências poéticas foi feito durante os dois anos pela área da literatura): um outro documentário cuja temática é a arte como profissão. Como tive uma trajetória complicada e extensa até decidir que queria trabalhar com arte, esse é um assunto que me atravessa de maneira bastante intensa. Colocar esse assunto em vídeo é mais uma forma de ganhar experiência com essa linguagem, e isso contribui muito para a realização deste trabalho.

Ateliê Corpo e expressão e Arte da performance

Duas disciplinas durante o curso foram extremamente importantes para que eu tivesse uma compreensão maior sobre performance. Ambas foram ministradas pelo professor Paulo Buenoz, que me auxiliou com a temática do corpo, e também me ensinou muito sobre processo criativo.

A maneira como crio um trabalho artístico passa por um planejamento, mas de modo anterior a isso, aprendi a ouvir/sentir/compreender o que meu corpo pedia ao produzir algo, seja ele de performance ou não. Aprendi a ficar com sensações que me incomodavam, a tolerar o desconforto de sentimentos que há muito estavam presentes e que tinham todo potencial para se tornarem arte de alguma forma. Compreendi que, somente após saber o que queria dizer, eu iria decidir qual linguagem caberia mais para um trabalho específico. Comecei a não ter pressa de dar nomes, de ter que justificar antes mesmo de reconhecer o que me convoca para alguma produção em arte.

Criar dessa maneira, sendo menos racional, me ajudou a produzir de forma mais próxima do que sinto, e acredito que hoje em dia consigo mostrar trabalhos mais intensos e colocar artisticamente o que gostaria de transmitir para as pessoas.

Antes dessas disciplinas, eu já tinha o hábito de anotar em folhas soltas, cadernos ou no celular, palavras ou frases que me atravessavam de alguma forma, e que depois poderiam se tornar um trabalho artístico. E na matéria Arte da performance, fui incentivada a ter um caderninho apenas para a disciplina, e anotar nele todos os dias. Surgiram palavras/frases como estas:

desânimo/dor

Lentidão/medo

Força/raiva

Respiração

Estourar a raiva

Cuidar do corpo

Afogando numa piscina rasa

Deixa o incômodo tomar conta

Deixa a angústia fluir

Sono

Não fazer nada

Esse corpo que odeia lentidão

Esse corpo que sofre com essa lentidão

Movimentos lentos

Renovação/mudança/radicalidade

Corpo quente e doendo

Sensação de rio/ se aproximar da potência do jorrar do orgasmo

Esse processo facilitou muito eu ficar mais atenta ao que é sensível ao meu corpo. Os resultados foram duas performances: uma em vídeo preto e branco, denominada *Fluxo*, feita no Ateliê Corpo e Expressão, e outra apresentada na própria disciplina de performance, na qual eu trabalhei com uma lentidão que me incomoda muito, e depois cortei meus próprios cabelos. Posso considerar que ambas foram uma espécie de prévia para que eu desenvolvesse a exposição deste TCC.



Videoperformance *Fluxo*, 2017. Duração: 11min. Still de vídeo

De um corpo feminino

O ser mulher está no meu corpo e atravessa o que crio artisticamente. Pude perceber que isso está presente na maior parte do que expus ou mesmo do que fiz com o objetivo de cumprir créditos das disciplinas.

Tenho um trabalho que chamei de *Fêmea*. Quis colocar esse título pelo fato da mulher ser vista como já dizia Simone de Beauvoir: “A mulher? É muito simples, dizem

os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para definí-la.”⁷. Já me senti diversas vezes como se estivesse no mundo apenas com a função reprodutora, ou, antes disso, um pedaço de carne, um objeto para funções sexuais que deveria estar à disposição de um homem.

Desenvolvi subpartes do Fêmea em diferentes disciplinas, ministradas pelos professores Ronaldo Macedo Brandão e Alex Miyoshi, e pela professora Márcia Franco. Tive ainda um importante auxílio da professora Tatiana Ferraz.

Criei uma série de gravuras em metal, e dei o subtítulo de *Fêmea: a caça*. São imagens de mulheres acuadas e/ou tentando fugir. Olhos as perseguem e também fiz uma gravura somente com traços/linhas que se cruzam de modo confuso. Misturei ainda com arame retorcido e coloquei também as chapas nas quais estão as gravações. Todos os dias somos caçadas. Repetidamente.



Fêmea: a caça. Instalação com gravuras, vidro, arame e suportes de madeira, 200x300cm. MUnA, 2018

Durante o Ateliê de Desenho, desenvolvi o *Fêmea: a objetificação*. A inspiração foi no surrealismo, e as mulheres estão caracterizadas, objetificadas, como que cumprindo um papel, mas com a estranheza que o surrealismo muitas vezes nos traz.



Um dos desenhos de *Fêmea: a objetificação*, 2018. Nanquim, carvão e lápis de cor sobre papel Arches 300g. 30x40cm.

Fiz também um livro de artista- *Fêmea: o que importa*. São linoleogravuras com representações de vaginas e símbolos que remetem à genitália. Uma mulher com vagina é só isso que importa? Então essas vaginas estão rasgadas, marcadas, arranhadas, machucadas.

Continuando o fato do corpo feminino ser visto como algo reprodutivo, fiz na disciplina oferecida pelo professor Rodrigo Freitas, uma pintura de tamanho 1,20x90cm, em acrílica e têmpera vinílica, na qual pintei um útero de forma biológica, e esse útero é atravessado por pinceladas e respingos de tinta. O vermelho predomina e dei o título de *Roubo*. O roubo dos nossos corpos, do nosso direito de autonomia sobre eles.



Roubo, 2017. Acrílica e têmpera vinílica sobre algodão cru, 1,20x90cm. Foto: Bárbara Ferreira

Essa questão de, muitas vezes, quando se fala em mulher, logo se remeter a uma vagina ou útero, é algo que me incomoda bastante. O ser mulher é muito além disso, e não há um órgão específico que nos represente, que dê conta de abarcar o que se refere à feminilidade, seja de mulheres cisgênero ou trans. "Nascer com a genitália tida como feminina não define como o indivíduo vai se identificar futuramente, nem sua sexualidade. Existem outros arranjos corporais que vão além do binômio 'mulher-vagina/homem-pênis'"⁸.

Esses trabalhos foram expostos respectivamente no Museu Universitário de Arte- MUnA, no Laboratório Galeria do bloco 1I- Campus Santa Mônica e no Teatro Municipal.

Mais poesia, mais corpo

No primeiro período do curso de Artes Visuais, desenvolvi na disciplina de fotografia, ministrada pela professora Clarissa Borges, um trabalho que intitulei *Corpo-poesia*. Foram seis fotografias digitais, manipuladas posteriormente nos programas Lightroom e Photoshop, e que dialogavam com trechos de poesias minhas. As fotos foram do meu corpo, e feitas por mim, através de controles via rádio, acoplados na câmera e flash. Para o trabalho da Universidade, imprimi as fotos e montei um pequeno livro, com as poesias impressas em papel vegetal, de modo que ficaram transparentes. Posteriormente, retirei uma foto do trabalho e produzi outras três, num total de oito. Essas fotografias foram impressas e coladas em suportes ovais de PVC, sendo foto de um lado e escrita de outro. Fiz então minha primeira exposição individual, em uma pequena sala na Casa da Cultura, onde as fotos e trechos poéticos ficaram pendurados por fios de nylon presos ao teto.

Além desse trabalho e das noites literárias, participei como poeta em uma exposição realizada pelo meu companheiro, Joabe Romed, sendo fotografias dele e poemas meus, fazendo novamente um diálogo. Tive ainda, uma poesia utilizada no projeto Vídeo-poema do Cerrado, feito via PMIC pelo escritor Lobo Guimarães, e interpretada em vídeo por Bruna Freitas. Recentemente, participei de uma exposição coletiva no Sesc em que, além de estar na produção cultural, expus dois trabalhos como artista visual (nos quais, não por acaso, a cor vermelha é predominante) e performei como poeta. A poesia está presente em muito do que faço, sendo o ponto de partida ou um meio, um entrelace com outras formas de me expressar.



*Esse corpo, que é feito de
ventos*

*Terá como sua
Melhor lembrança*

*Um sossego triste e
O evocar desesperado
De uma acolhida*

Um dos conjuntos de imagem e texto da exposição *Corpo-poesia*, 2016. Fotografia digital e texto em papel fotográfico adesivo sobre PVC. 40x50cm

Para construir a exposição

O livro

Como já foi dito anteriormente, este é um trabalho em artes visuais que se construiu a partir da minha escrita poética. O que eu sinto, observo e vivo se torna poesia e a poesia já viva e relida provoca um outro desdobrar de sensações. As imagens que compõem a instalação e o livro, e também as cenas que estão nos vídeos não são sobre um ou outro poema especificamente, mas eu pretendi que fosse um conjunto estético/imagético que remetesse ao que escrevo; o que a poesia me provoca, antes ou após a escrita, ou seja, o que me leva a escrever e o que/como me torno após tudo ir para o papel, teve a intenção de se tornar imagem- estática ou em movimento. Concluo, portanto, que este livro deveria fazer parte da exposição, e ele foi colocado em um totem para que pudesse ser lido/manipulado pelas pessoas que ali estivessem.

O livro fala do corpo e seus desdobramentos. Eu o dividi em seis seções, que se formaram a partir da afinidade entre os poemas: Estas artes líricas, Rasgos, Esperas, Corpo cru, Falta e Corpo festa. Foi uma divisão intuitiva e também um pouco pela lógica de semelhança entre a maneira que escrevi e as diferentes manifestações que dei para essa temática maior sobre o corpóreo. As subdivisões vão desde uma forma de escrever mais lírica até o jeito cru e direto colocado em versos. Abrindo cada parte, coloquei uma pintura diferente (não as pinturas inteiras, e sim recortes, detalhes, impressas de modo menos opaco que as originais): ora vermelha, ora azul, dependendo do que cada conjunto de poemas me causa.

A primeira seção é composta por poesias nas quais o corpo é permeado por palavras tecidas de modo cuidadoso, uma construção com metáforas e predominância de um eu lírico desejante de paixão, de arte, urgência, e que por vezes escapa para elementos surreais e caóticos, como se só eles conseguissem expressar algo que não tem nome.

Do que é próprio: o sentir

Há três dias fiquei nua
dependurei o vestido

num sisal a céu aberto
A pele pálida beijou as tulipas tímidas
Ouviram-se então um soneto
do roçar de línguas indecente
As minhas outras não despidas
sutis e famintas
salivaram tempestades
E com a fome do mundo
Lamberam meus ossos
Arbustos, amoras, pêssegos, uvas e nuvens
viram um pacto entre meus vãos
de não serem mais penhascos nem escombros
Apenas vãos
Fiquei eu
Nua e vestida
Senti um aquilo tanto
Um pronome breve e imenso
que de tão borbulhante e vasto
não consegue ser nomeado
Existe, somente
Em tantos bosques particulares

Os textos de Rasgos falam sobre o corpo feminino, e a condição de ser mulher na nossa sociedade. Possuem um lado de crítica ácida, irônica, e também uma grande melancolia e desamparo.

(...)

Havia uma criança
Seus olhos eram lagos
escondidos
para que ninguém soubesse
Os cabelos eram tão seus

mesmo constrangidos
Em muitas letras do alfabeto
Cresciam e brotavam
Num espaço não pertencente
aos outros
O pai levava a passeios
Ele se divertia
ela doía e não podia se
divertir
ela se lavava

Havia uma menina
vendo televisão sozinha
É preciso ter uma
Vida e essa
Vida
não se parecia com a
dela
Então ela construiu várias vidas
Passou cola
Colocou para secar
Tinham nome, casa própria
Eram bem felizes
As meninas de papel

Em *Esperas*, discorro principalmente sobre a morte. Sendo uma sobrevivente de um grande período de depressão, muitas vezes entendo a morte assim como Freud fala dela, como “o objetivo de toda vida”⁹. Coloco como algo a se esperar, uma demora em ser, até um flerte com o que se deseja, mas arrumo jeitos de continuar vivendo, maneiras de se enganar essa morte.

Há anos eu não respiro

Para quem pensa que a
Morte é um suspiro
Não é
A morte é espera
Um som repetitivo perfurando o
abismo dos dias
Emoldurados
Uma linda pintura
Da tabela periódica

O acúmulo do cheiro morno
feito lentidão de quem
fica muito tempo
em casa
A pele fina em sulcos
Graves
Uns troncos velhos e retorcidos
Sobreviventes não se sabe como
Talvez algo ainda mais
além de cuidar de excreções

Quem sabe comer
um doce em calda
daqueles que lembram gente
Antiga
Sem perceber que passou
a vida
adiando o desejo

As pessoas são muito machucadas.

Corpo cru fala de uma forma mais política. A escrita é mais livre, as palavras são mais cruas, diretas e menos elaboradas. É um corpo afetado politicamente por coisas que não controla, percebendo-se em situações com as quais não concorda, em um sistema que não escolheu, mas que já estava imposto. Vejo a ironia também bastante presente.

Propriedade privada

De quem é esse corpo
Território extenso
O entre e a superfície
A quem pertence esse interdito
Os afetos, o espanto
O tesão diário, os horizontes
A inércia das esperas
A burocracia, a preguiça
O padrão nas fichas catalográficas
Está tudo nesse corpo
Nos espaços das dobras escondidas
Na pele fina da virilha
Cujo status de corpo
Não é o mesmo das
Outras peles
A hierarquia desse amontoado
De ossos e músculos
E seus privilégios
A quem pertence

Talvez interesse
Às certezas
Aos cultos
Ao cansaço que descasca nossas
Paredes velhas

Ao acender de velas
Às normas da ABNT
Fica a critério da ordem
As palavras ditas
As que escapam e se perdem
O desejo que não pode ser
As permissões ilusórias

A propriedade desse corpo
É de alguém que nunca vi

A penúltima parte, intitulada Falta, coloco essa palavra como no sentido Lacaniano, sendo a verdade do desejo oculta para a consciência, pois o seu objeto é uma falta-a-ser¹⁰. Os poemas parecem escapar de alguma forma, e o sentido deles talvez não fique bastante claro para quem lê. Portanto, estão aí colocados, mas de certa maneira, encobertos.

Refúgio

As tintas cinzas
Dos porões do meu desejo
Secam
Busco-as e deixo
Em pequenas cápsulas
Como são presas
As gotas púrpuras de afeto
Tateio as ilusões
Escapam
Encobertas pelas escuras vistas
Da minha própria via láctea

Por fim, Corpo festa é o corpo livre, que pertence a si, entregue ao prazer, saciado, potente. Quis deixar esta seção por último porque acredito ser esse o caminho

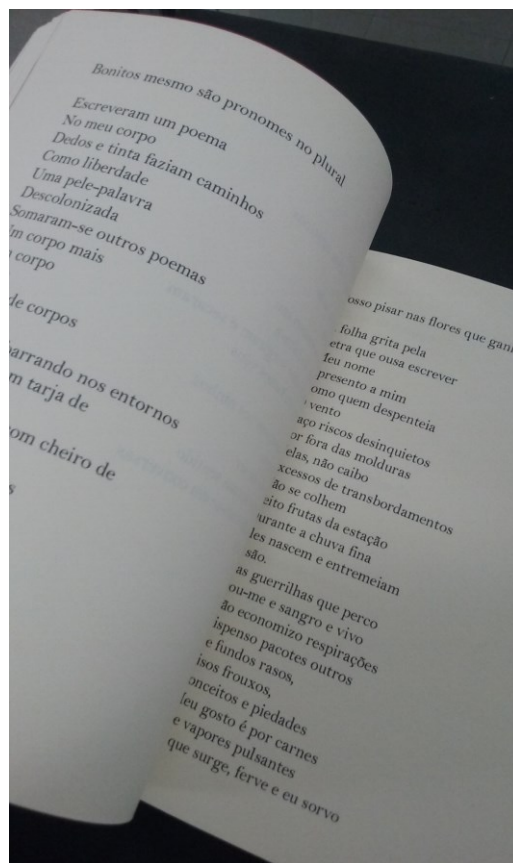
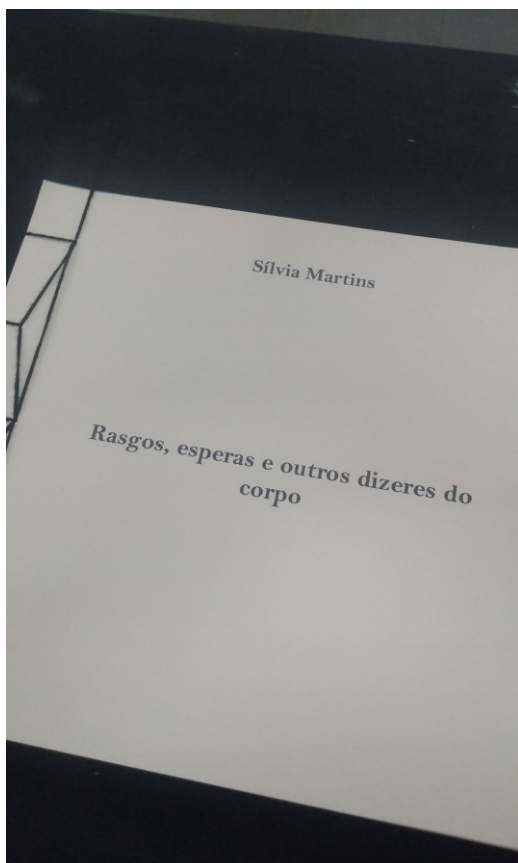
que dá conta do viver. Quase que um escape de tudo o que houve anteriormente: a angústia, a morte, a melancolia.

Banquete

O corpo é um vício
Se oferece a ser bebido
Não é feito de verbo
Salta a carne em inconstâncias
Osso, cartilagem e contrários
O corpo é tesão que cura
Saliva na seiva da
Fruta doce
Venha e diga que é maldade
Amar
Mais o corpo que a alma
Ser a boca da
Língua
Que lambe
O cu
As bocas das línguas
Dos sons polifônicos
No roçar de
Muitos corpos
O corpo é sublime
Em estética qualquer
Tem o consentimento de
Todas as deusas
Seu alimento é o
Outro
Suas águas e seus ares
São harmonia e frescor
O corpo é urgência
O corpo é um vício

Escolhi uma gráfica que faz trabalhos mais artesanais para imprimir o livro. Foi feito em papel pólen bold, tamanho 21x21cm, com interferências de papel color plus (azul e vermelho). Na metade do livro, impressas em papel Conqueror CX22 (Brilliant White- 160g), concentrei as imagens azuis e no final, as vermelhas. A primeira e última folhas são em papel pérsico texturizado. Para finalizar, uni tudo com uma costura japonesa.

Este livro é o meu ponto de partida. Quando falo em vídeo-performance, as cenas ali expostas são como fragmentos corporais das minhas poesias. A instalação com as pinturas conversa também diretamente com os textos. A tinta é colocada no tecido de forma corporal, e as cores escolhidas, o vermelho e o azul, remetem a essa polaridade entre o movimento, o caos, a víscera; e o oposto: letargia, espera, inércia, vazio.



Livro sobre o totem preto durante a exposição do TCC.

Os vídeos

Após entender que gostaria de compor este trabalho com vídeo, senti vontade de continuar um pouco do que comecei na disciplina de performance, pois o que vivi lá ainda reverberava, porém, sem que fizesse um ato único, com início, meio e fim. Quis fazer cenas curtas, como numa urgência de mostrar várias facetas de um mesmo corpo. Faces que se desdobram, mas que iriam ter como base uma dualidade: o quente e o frio, o rápido e o lento, a raiva e a letargia, o rasgo e a espera.

Compreendi que um vídeo em cores reais ou um em preto e branco não resolveria o que pretendia transmitir. Decidi, pela questão da dualidade, que seriam dois vídeos, e que estariam colorizados, um em tons de vermelho e o outro em azul. Essas cores ficaram bastante tempo permeando minha imaginação, e eu me deixei levar pelas sensações que elas provocavam em mim. Vermelho e azul são cores primárias com efeitos psicológicos opostos; o azul é visto como uma cor de calma, de frio, e também uma cor que pode estar relacionada ao sentimento de tristeza, ao *blues*. Já o vermelho remete à força, potência, energia, amor e ódio¹¹. Todas essas sensações estão presentes nos seres humanos em geral, porém, quis mostrar no meu trabalho a forma particular de como as sinto, e como elas se alternam no meu corpo.

Um segundo momento de decisão sobre os vídeos foi como meu corpo se apresentaria. Nu ou com roupas? Não precisei ficar muito tempo nessa questão; minha experiência anterior com nudez já havia me mostrado que o nu é muito potente, porém, precisa ser utilizado quando é pedido. E para esses vídeos, eu não queria genitália ou seios expostos, e também não queria uma mesma capa externa em ambos. Imaginei quais roupas me fariam transmitir o que desejava. Quis uma roupa clara e um pouco larga, confortável, para o vídeo azul e uma escura e mais apertada para o vídeo vermelho. Uma roupa clara e larga para movimentos lentos, quase que preguiçosos, e uma roupa mais justa e escura para movimentos rápidos, enérgicos. O branco e o preto vieram fechar esteticamente a composição que queria. O branco como leveza e vazio, e o preto, somado ao vermelho, dando uma impressão de mais energia¹². Cores neutras e que me davam a sensação de fazer uma espécie de acordo cromático com as cores primárias que eu já havia escolhido.

Uma outra parte de construção dos vídeos foram as cenas que eu iria performar. Já havia entendido que seriam cenas curtas, e reli meus poemas algumas vezes,

deixando que me trouxessem sensações corporais. Anotei o que os poemas causavam no meu corpo, e tentei não me forçar a nada que não me sentisse convocada a fazer. Percebi o que transbordava, o que era urgente. Foram sensações que vieram a partir do todo, e não um trecho específico de escrita deu origem a uma performance específica.

As cenas dos vídeos refletem o que está marcado no meu corpo. No vídeo azul, um corpo que se arrasta, que quase não tem forças para ficar em pé, que precisa se esforçar para que uma próxima respiração aconteça. *Um corpo que não aguenta mais*. E não aguenta o que é exterior (o adestramento, a disciplina) e o que é interior, a partir do momento que internaliza o que vem de fora e se sujeita a ele. Porém, o corpo também é potência e resiste, justamente pelo fato de se expor às feridas, ao sofrimento, ao sentir. Um corpo está sempre nos submetendo a encontros com o que é externo. Ele só existe no encontro com outros corpos. Essa exposição ao fora, ao exterior, é suportar o insuportável e nos coloca como seres em sofrimento, mas que também resistem.¹³ Essa força está nos dois vídeos, porém, é mais visivelmente performada no vídeo vermelho. Colocar artisticamente o que me afeta é, de fato, uma maneira de resistência, de obter formas de continuar a existir no mundo.

As cenas foram então surgindo, e deixei que elas fossem apenas uma ideia, um esboço, para no dia de gravação realmente deixar acontecer o que achasse necessário. Decidi os locais onde eu e a câmera iríamos ficar em cada cena, optei por uma luz natural e pela câmera no tripé, para que nenhum tipo de movimento além dos meus interferisse nos atos performativos. Após as minhas decisões, pude contar com a ajuda do meu companheiro para iniciar e pausar os vídeos, ver se estava no foco, se a câmera não iria parar de filmar de repente, e tirar fotos de onde eu estava para que eu verificasse os enquadramentos. Tudo isso era possível que eu fizesse sozinha, mas preferi ter a ajuda de outra pessoa, para que eu pudesse me concentrar melhor no meu corpo e não precisasse preocupar com coisas como um cartão de memória que pudesse travar no meio de uma cena que não teria como fazer novamente. Estou acostumada a trabalhar com meu namorado, e tudo fluiu muito bem. Todas as cenas foram gravadas em um único dia, primeiro as do vídeo azul e, posteriormente, do vídeo vermelho. Assim que terminava de gravar eu já assistia e refazia na mesma hora o que não havia gostado.

Depois das gravações, assisti todo o material bruto, e fui escolhendo os momentos que desejava, anotando e os colocando em ordem; uma espécie de montagem de vídeo de forma manual. Com tudo anotado, fui até a casa de um amigo que conhece

um pouco sobre edição; fui dizendo o minuto e segundo em que gostaria que cada cena fosse cortada e assim ele fez uma edição final de corte como eu queria. Posteriormente aconteceu a etapa de colorização: decidi qual tom de azul e de vermelho gostaria. Um azul mais claro e apático e um vermelho quase fogo, com um leve fundo laranja.



Imagem vídeo azul. Cena com tesoura

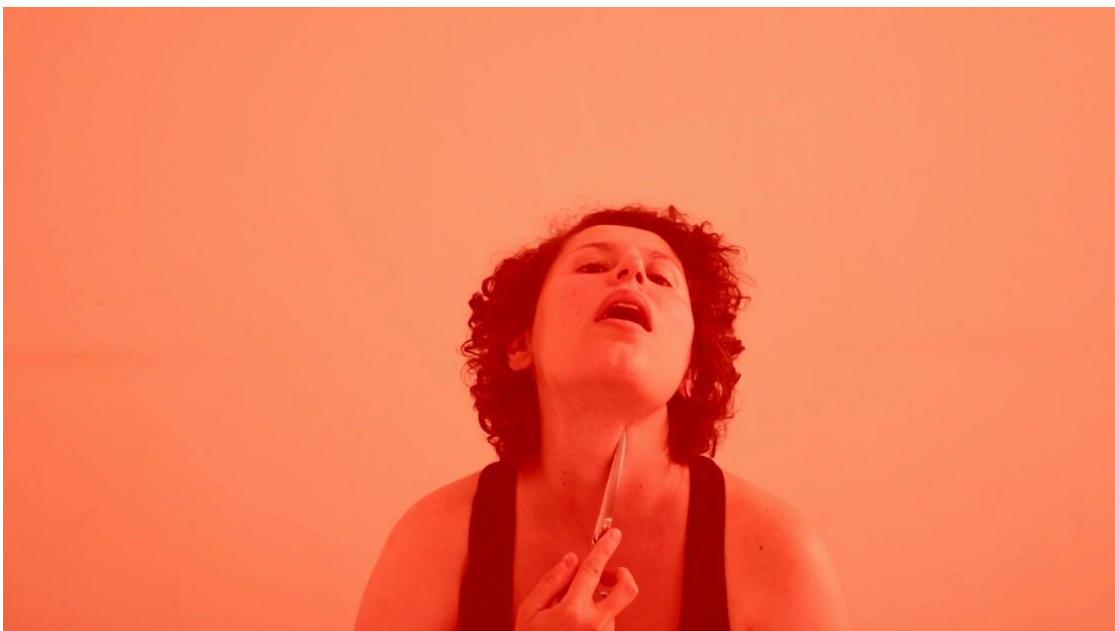


Imagem vídeo vermelho. Cena com tesoura (comparativo)

O som

Os vídeos foram editados sem qualquer tipo de áudio original. Desde o início eu queria inserir o som posteriormente, deixando alguns momentos de silêncio. Gravei alguns sons guturais, outros de respiração (rápidas e lentas), outro raspando as unhas em uma mesa e, ainda, trechos de dois poemas que citam as cores utilizadas.

O que quero/ Não se vê começo/ Não há fim/ Não se chega ao fundo (...)

O corpo inteiro/ Vermelho

(...) Sei dos meus azuis/ Nos olhos que derretem/ Frente a um poema

São eles,/ Os olhos que me morrem.

Fiz essas gravações utilizando um microfone lapela e meu celular. Gostei bastante do resultado e decidi que os áudios ficariam inseridos em um único vídeo, pois se fossem em vídeos diferentes, poderiam se sobrepor em algum momento. Achei que também não seria uma boa ideia colocar em um arquivo separado, pois seria um programa a mais para ficar funcionando todo o tempo. Ficaram então inseridos no vídeo vermelho, e acredito que a maior parte das pessoas não percebeu de qual lugar estavam vindo os sons.

As pinturas

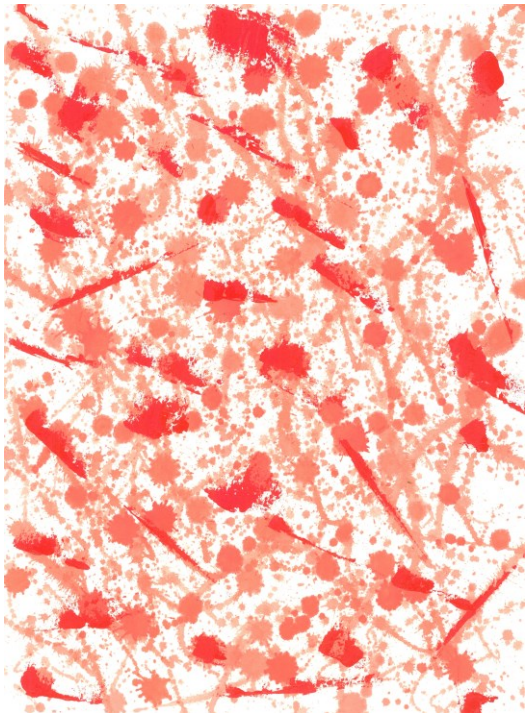
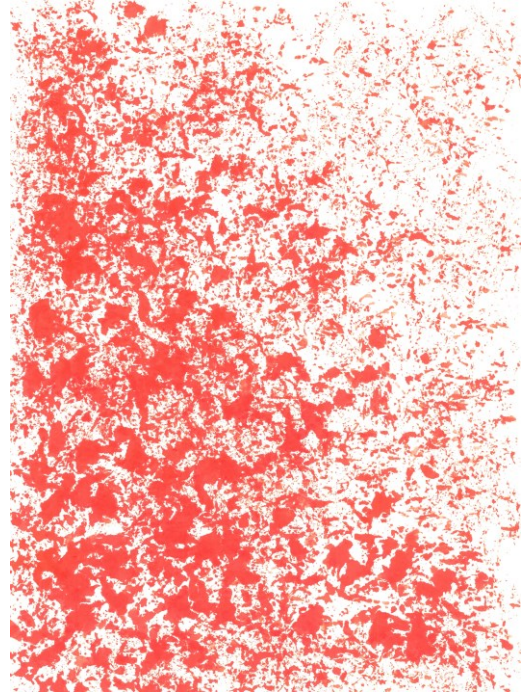
Tive algumas dúvidas se colocaria ou não pinturas grandes no meu trabalho. Sabia que o livro iria conter as imagens, mas não tinha certeza se essas imagens em tamanho maior seriam interessantes para a exposição, ou se iria deixar somente os vídeos. Porém, como disse em um momento anterior, sentia que precisava criar uma certa ambientação, e não somente projetar os vídeos. Acredito que os dois vídeos já possuem uma força, mas eu queria que a interferência nos tecidos com as tintas azul e vermelha, o gestual, as texturas, também fizessem parte do exposto. Imaginei se iria colocar esses tecidos de modo a interferir ou não nas projeções, e ao fazer alguns testes antes de montar, percebi que se os tecidos interferissem nos vídeos, estes perderiam bastante qualidade. Além disso, queria que os vídeos ficassem lado a lado em uma

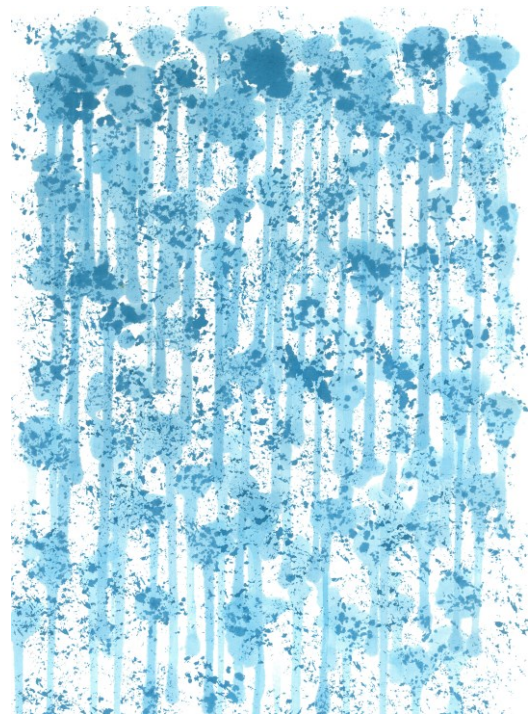
mesma parede, e considerando as possibilidades do momento- os materiais que consegui para a montagem- achei que se colocasse somente os vídeos, ficariam apenas duas projeções um pouco pequenas no espaço da galeria. Decidi então que as pinturas iriam fazer parte, mas como um entorno, apenas criando um ambiente, como havia desejado no início. Gostei do resultado, e vejo a conexão entre essas pinturas e o livro, ponto de partida de tudo.

Para pintar, fiz primeiro as imagens que estariam no livro. Utilizei tinta acrílica e realizei vários testes em papel canson A3, 300g. Havia feito algumas pinturas vermelhas e usado também caneta nanquim. Fiz as imagens posteriormente em papel algodão e levei para serem vistas pela minha orientadora e colegas de TCC. O retorno foi de um modo geral positivo, e acabei guardando essas pinturas e deixando para fazer as azuis em um momento posterior. Ao partir para a tinta azul, percebi que se não utilizasse nanquim, mas somente a tinta, e trabalhasse com texturas, obteria o resultado que esperava. Foi um movimento de deixar as pinturas mais simples, porém, feitas a partir das sensações. Utilizei alguns materiais de apoio, como buchas de banho, rolinho, trinchas, espátula. Fiz também uma das imagens com giz pastel oleoso, e gostei do resultado. Quando as azuis ficaram prontas, refiz todas as vermelhas, utilizando apenas a tinta acrílica. Ao todo escolhi sete imagens, sendo quatro vermelhas e três azuis. Depois elas foram digitalizadas e impressas para comporem o livro.

Dessas imagens, escolhi cinco (três vermelhas e duas azuis) para serem produzidas em tamanho maior, no tecido. Decidi pela transparência do voal, pois imaginei que um tecido de maior solidez, como o algodão cru, por exemplo, tornaria o ambiente mais “pesado”, e talvez as pinturas se destacariam mais que os vídeos. Além disso, o gestual com as tintas, as imagens, as texturas, são como desdobramentos de sensações corporais. Um corpo fluido e também rasgado. Algo que não caberia em um suporte mais consistente. Por fim, ainda queria testar a possibilidade de projetar os vídeos com a interferência das pinturas. Algo que já de início não seria possível se os tecidos não fossem transparentes.

Utilizei os mesmos utensílios das pinturas em papel, porém, em uma escala maior. No lugar da espátula de pintura, usei uma espátula para construção civil, e os outros materiais também foram todos em tamanho maior. Usei também uma chapa de MDF revestida com não-tecido e prendi o voal com fita crepe para conseguir pintar sem que o pano se deslocasse.





Conjunto das sete pinturas que compõem o livro. São quatro vermelhas e três azuis, feitas em papel Arches A3, 300g.

Partindo para a montagem

Montar esta exposição foi um pouco mais complexo do que pensei que seria. Idealizei a montagem com as projeções em uma mesma parede e as pinturas penduradas ao teto por ganchos e fios de nylon. Achei que pelo fato dos tecidos serem leves, alguns preguinhos no teto seriam suficientes, e não precisaria utilizar furadeira neste caso. Porém, ao testar com martelo e prego, este não ficava fixo na alvenaria. Tive então que contar com o auxílio do meu companheiro e, posteriormente de um colega de curso, para furar o teto da galeria. Processo que acabou sendo mais demorado do que imaginávamos, pois em alguns pontos, o teto oferecia pouca resistência, e a broca acabava facilmente fazendo furos mais largos do que sua espessura; já em outros locais, ficou bastante difícil furar, e foram necessárias várias tentativas para que os furos ficassem compatíveis entre si e também com o tamanho dos parafusos e buchas a serem utilizados.

As projeções também precisaram de algumas tentativas para ficarem boas. Inicialmente, para colocar os projetores e computadores, ia utilizar um móvel branco emprestado pela professora Tatiana, mas acabei concluindo que não ficou harmonioso com todo o conjunto. Utilizamos então dois totens pretos, colocados na horizontal, e fizemos uma espécie de “instalação de equipamentos”, deixando projetores, computadores e caixas de som à mostra. Com o auxílio da orientadora, escondemos os fios o máximo possível, e acertamos o nível e local de cada projeção. O livro ficou em um terceiro totem preto, colocado, como sugestão da professora Tatiana, próximo à porta de vidro da galeria. Eu havia pensado em colocá-lo no fundo, como algo mais intimista, mas acatei a sugestão, e percebi que se o livro ficasse no local que queria, talvez muitas pessoas não chegassem até ele. Demoramos cerca de um dia e meio, entre testes e montagem definitiva.



Exposição montada no Laboratório Galeria. Fotos: Tatiana Ferraz



Momentos de visitação. Foto: Joabe Romed.

Artistas que inspiram

Do corpo, das tintas

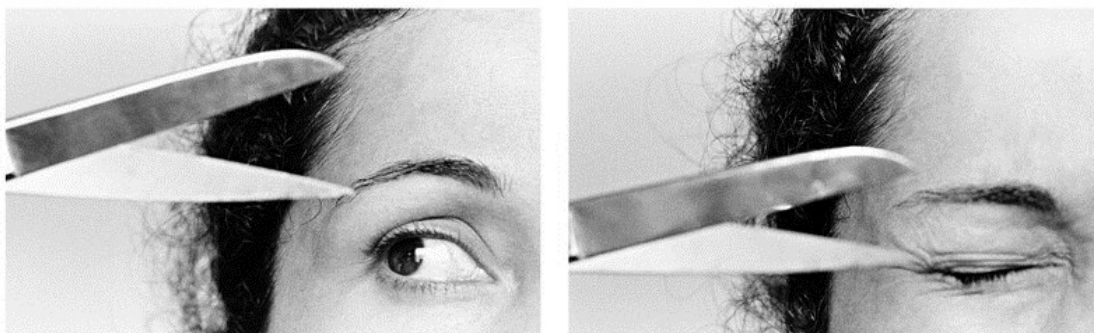
Ao pintar em um formato maior do que estou acostumada, tive que colocar meu corpo à disposição das pinceladas. Pintei não só com as mãos, mas com o corpo todo. Eu havia visto um vídeo sobre o trabalho da coreógrafa norte-americana Trisha Brown, intitulado *It's a draw*¹⁴. Ela utiliza bastões de carvão e faz diversos movimentos corporais, que resultam em desenhos. Apesar do meu desejo não passar pelo desenho em si, ou pelo uso dos mesmos materiais, a forma da artista utilizar o próprio corpo ficou impregnada em mim como uma referência e me contagiou no momento das pinturas



Incident 1. Trisha Brown. *It's a draw*, series 2007¹

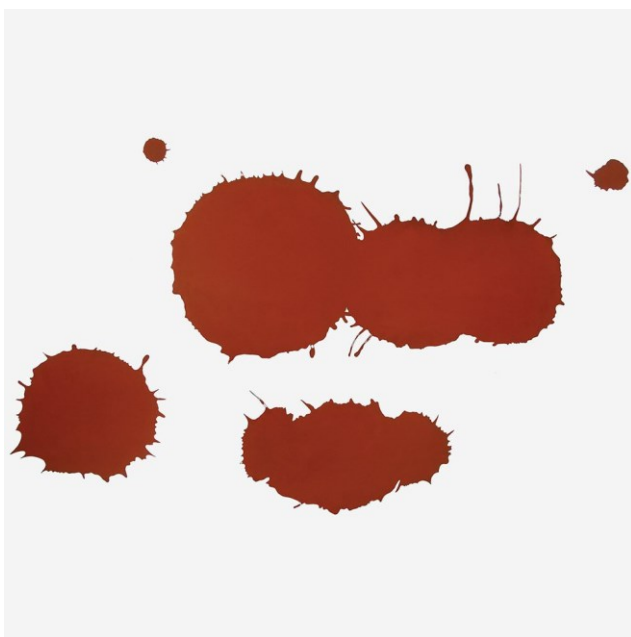
A artista plástica Anna Maria Maiolino é uma grande referência no meu trabalho. De origem italiana, vivendo entre Venezuela e Brasil, ela se utilizou das próprias poesias para fazer o trabalho de performance intitulado *fotopoemação*. Consiste em uma série fotográfica, resultado do registro de suas performances, feita ao longo dos anos de 1973 a 2011. É uma série híbrida, como a própria artista, que “transita pelas

práticas do vídeo, da fotografia, da performance, da instalação, da pintura, da escultura e da poesia”¹⁵.



X e II, (Da série Fotopoemação), 1974, fotografia analógica em branco e preto, 35 x 57,5cm. Col. particular. Foto: Max Nauenberg^{II}

Três trabalhos do brasileiro Marcello Nitsche também foram impactantes e me influenciaram, pela questão da forma, do gestual, e também pelas cores. A arte *Vermelho fiesta* (1983- látex sobre PVC), e duas esculturas: *Pincelada*, de 1984, que é uma escultura vermelha feita em fibra de vidro, e *Pincelada tridimensional*, escultura na cor azul, em ferro e poliuretano, integrante do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Para mim, o expandir-se, o nervoso, impaciente e fluido, dizem sobre essas obras.



Vermelho Fiesta. Látex sobre PVC, 1983. Dimensões variáveis^{III}



Pincelada. Escultura em fibra de vidro. 100x60cm, 1994^{IV}



Pincelada tridimensional. Escultura em ferro e poliuretano. 400 x 300 x 200 cm, ano 2000^V

Desde que decidi que o vídeo era uma linguagem importante para a apresentação do meu trabalho, tive vontade de inserir algumas cenas com movimentos de caminhadas. Senti que meu corpo teria essa necessidade. O ato de caminhar em si é básico no meu cotidiano, e muito do que faço, percebo e sinto, ocorre a partir disso. Porém, como seriam essas caminhadas? Rápidas? Lentas? Os pés mais próximos ou mais afastados? Como elas aconteceriam em vídeo? Precisava deixar que meu corpo me falasse e assim consegui compreender melhor o que desejava; quis que essas

caminhadas fossem curtas, em um espaço limitado, e também de formas distintas: ora rápidas, ora bastante lentas. A questão do espaço eu logo decidi por dois motivos: por ser um local possível para que as gravações acontecessem e atender as demandas da minha proposta, e porque nele eu me sinto à vontade para colocar meu corpo à disposição deste trabalho. Em relação às caminhadas, a pequenez do cenário daria tanto a ideia de um certo sufocamento, quanto uma noção mais intimista. E isso era exatamente o que eu queria. Mas, para além das caminhadas, todo o vídeo necessitou de uma entrega enorme. Corpo, mente, músculo, ossos, víscera.

Para me auxiliar nesse processo artístico, busquei inspiração no artista norte-americano Steve Paxton. Ele foi o criador de uma forma de dança contemporânea denominada Contato-improvisação e ensina sobre ter uma percepção básica sobre o tempo, o espaço, a gravidade. Fala a respeito de ser necessário acordar nosso corpo, totalmente influenciado por adestramentos e costumes. A sensibilidade dos músculos e demais partes corporais está ligada à observação interna, um olhar de modo interior, adquirindo consciência desse corpo¹⁶.

Paxton chamou de *Small dance* (pequena dança) o sutil movimento da musculatura que sustenta nosso corpo e nos mantém em pé, mesmo quando estamos em estado de relaxamento¹⁷. Esse movimento não é consciente, pois o que nossa consciência comumente capta está cheio de intervalos (*gaps*), e as sutilezas acabam passando despercebidas; porém, podemos observá-lo e, portanto, começar a percebê-lo, tornar consciente essas pequenas musculaturas do corpo¹⁸.

Viver na prática o que Paxton nos ensina, requer dedicação, exercícios contínuos e muita percepção corporal. Minhas experiências com contato improvisação e performance não foram muitas, e então tentei, ao longo do processo deste trabalho, sempre me atentar ao que meu corpo dizia, desde sentir meu corpo em pé cotidianamente, buscar minha própria *small dance*, até perceber o que seria de fato as cenas performáticas que iriam compor os vídeos. Foi um trabalho de sensações, não elaborado e decidido formalmente e depois executado, mas sim uma percepção do que meu corpo queria dizer a partir da minha escrita poética; de como seria um trabalho visual que desse conta de transmitir as sensações que em mim são provocadas para escrever e também, posteriormente, pelo que já foi escrito e relido.

Da literatura

Existem algumas autoras e autores que me inspiram mais, e por quem tenho uma admiração ou carinho maiores, mas acredito que minha escrita de hoje é fruto de um processo que foi construído ao longo de muitos anos. Sou leitora desde criança, devorando desde gibis da turma da Mônica e livros policiais da Ágatha Christie, até alguns clássicos da literatura brasileira e mundial.

Não consigo dizer que uma escritora ou escritor específicos me inspiraram a fazer este ou aquele poema. Vejo como um todo, como um conjunto de leituras que me tornaram amante das palavras. Porém, posso elencar alguns nomes que se destacam pra mim e nos quais vejo uma conexão com o que me deixa mais inspirada. Não propositalmente, mas por afinidade, a maioria são mulheres.

A primeira escritora que quero citar é a Hilda Hilst. Ela possui uma obra que pode ir “do mais puro lirismo até a pornografia escancarada”¹⁹. Nesse caso, é a lírica de Hilda que me atravessa, e minha afinidade maior é com a Hilda poeta, que possui um cuidado imenso com cada palavra que escolhe. “Na poesia de Hilst, desejo e imagem se entrelaçam, formando um todo inextricável; o imaginário e o simbólico, que também são faltas e representações de ausências, encenam essa voracidade que se arquiteta em imagens delirantes”²⁰.

Outra escritora que admiro muito e que me inspira é a Pernambucana Micheline Verunschik. Tive a oportunidade de ler um texto meu em um evento no qual ela estava presente, e depois recebi um retorno bastante positivo dela. Micheline foi vencedora do prêmio São Paulo de literatura com o romance *Nossa Teresa- vida e morte de uma santa suicida*. Gosto muito do romance da autora, mas a poesia dela é o que mais fala comigo de maneira íntima. A maneira como ela utiliza as palavras, o ritmo, e como soluciona o final dos poemas me toca de um jeito belo e ao mesmo tempo duro, cortante.

Destaco também a poeta argentina Alejandra Pizarnik. Escrevia poemas curtos e intensos. Tirou sua própria vida ainda jovem, deixando escrito na lousa do apartamento onde morava: “Não quero ir/nada mais/que até o fundo”. No livro da autora “Os trabalhos e as noites”, Davis Diniz escreve no posfácio que poesia é uma “tarefa que se inicia com o luto das perdas para terminar com o rogo aos pequenos ganhos”²¹.

Posso ainda falar de Wislawa Szymborska e sua poesia crua e crítica; de Angélica Freitas e seus versos ácidos sobre as mulheres; de Ana Cristina César, com

seus textos ousados e originais; Aline Bei, e seu romance melancólico e profundo. Não poderia deixar de citar ainda Clarice Lispector, Virgínia Woolf, Sylvia Plath, Valter Hugo Mãe, Patti Smith, Alex Sens, Bernardo Kucinski, Eliane Brum, Maria Rita Kehl, e muitas outras pessoas que deixaram suas marcas na literatura e, sempre que as leio, me torno mais inspirada para continuar a escrever.

Reverberações

Ter feito essa exposição no laboratório galeria me trouxe vários aprendizados. As reações das pessoas que visitaram foram as mais diversas, e o público também era diversificado, considerando que havia desde quem tem pouco ou nenhum contato com exposições de arte, até estudantes do curso e professores. Houve quem achou que o conteúdo era “deprê” e que eu deveria ter feito algo mais alegre; ouvi comentários de “não entendi nada, mas tudo bem”; vi tentativas de me explicarem o que tinham sentido, porém, desistiam e falavam que não conseguiam nomear os sentimentos, como se algo ficasse preso na garganta; ao contrário disso, alguns fizeram perguntas e elaboraram várias interpretações para o meu trabalho; recebi parabéns e abraços calorosos de pessoas verdadeiramente emocionadas e, ainda, tive a grata surpresa de ler uma resenha crítica bastante sensível, feita pela minha amiga e artista Tayná Portilho.

Percebi que este é um trabalho que precisa de tempo para ser visto. É necessário parar e dedicar alguns momentos para ver os vídeos na íntegra, para ouvir os sons, para ao menos folhear o livro, ver as imagens e conseguir fazer uma conexão entre elas e as pinturas maiores. Acredito que foram poucas as pessoas que realmente leram alguma poesia que estava no livro. Penso que se eu tivesse colocado uma poltrona ou um pufe, feito algo mais intimista, poderia haver um convite maior para a leitura. Ou talvez, mesmo criando outro ambiente, de qualquer maneira, a maior parte dos visitantes faria uma passagem rápida pelo local. Não consigo ter conclusões definitivas, imagino que seria interessante montar o trabalho novamente em outro local, aprimorando a forma de apresentar, e ver novamente as reações do público.

Outra mudança que gostaria de fazer é a disposição dos projetores e computadores. Gostaria de ter tido uma estrutura para colocá-los no teto, porém isso não foi possível. Contudo, penso que com as possibilidades que tive e que criei, consegui transmitir pelo menos para alguns dos visitantes as sensações que gostaria. Ver pessoas atravessadas pela intensidade da exposição, fez com que eu me sentisse no caminho que desejo. E, de qualquer forma, a arte não causa opiniões unânimes. O mais importante é que não vi alguém que tivesse ficado indiferente a este trabalho. Foi um grande aprendizado, e encerro esse ciclo do curso de Artes Visuais com a vontade de continuar produzindo e sendo fiel ao meu desejo.

Notas bibliográficas

- 1- Candé Costa, Arte e a glamourização do sofrimento, 2018.
- 2- Freidson, 1994 e Menger, 2005 apud Arruda 2010, p. 57.
- 3- Cf. Ricardo Basbaum, Manual do artista-etc, 2013.
- 4- Júlio Lerner, Panorama com Clarice Lispector, 1977.
- 5- Juliana Bom-tempo. Asfalto em intervenções urbanas: imagens em performance e o fabular de um povo por vir, 2018.
- 6- Marco Paulo Rolla. O corpo da performance, 2012.
- 7- Simone de Beauvoir. O segundo Sexo, vol.1, 2016, p. 31.
- 8- Dafne Marcelle de Almeida R. Campos. Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher, 2014, p.2719.
- 9- Sigmund Freud, Além do princípio do prazer, 1996, p.56.
- 10- Elisabeth Roudinesco e Michel Plon. Tópico sobre o objeto (pequeno) a, Dicionário de Psicanálise, 1997, p. 552.
- 11- Cf. Eva Heller. A psicologia das cores, 2013.
- 12- Ibidem. idem
- 13- Cf. David Lapoujade. O corpo que não aguenta mais, 2002.
- 14- Trisha Brown. Drawing/Performance, 2008.
- 15- Bárbara Bergamaschi. O Eterno Nascimento da Forma: Fotopoemações de Anna Maria Maiolino, 2018, p.212.
- 16- Mayana Marengo e Zilá Muniz. Um Olhar sobre Material for the Spine, de Steve Paxton, 2017.
- 17- Renato Ferracini. O corpo-subjétil e as microperecepções: um espaço-tempo elementar, 2007.
- 18- José Gil. Abrir o corpo, 2004
- 19- Vera Maria Tietzmann Silva. Cantares de encontros, partidas e contradições: (uma leitura de Cantares, de Hilda Hilst), 2009, p.113.
- 20- Elaine Cristina Cintra. A poética do desejo em Hilda Hilst, 2009, p. 44.
- 21- Alejandra Pizarnik. Os trabalhos e as noites, p.120

Notas de imagens

I- Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Trisha-Brown-Incident-1-Its-a-Draw-Series-2007_fig16_313161178

II- Retirada do artigo: O Eterno Nascimento da Forma- Fotopoemações de Anna Maria Maiolino, 2019

III- Fonte: <https://www.escriitoridearte.com/artista/marcello-nitsche/vermelho-fiesta-10368>

IV- Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/AtztDG/>

IV- Fonte: <http://www.moyarte.com.br/historia-da-arte/marcelo-nitsche-pincelada-tridimensional.html>

Referências bibliográficas

ARRUDA, Cármen Lúcia Rodrigues. Produção Artística na Universidade: relações de trabalho do professor-artista na unicamp. **Comunicações**, Piracicaba, v. 17, n. 2, p.51-64, 31 dez. 2010. Instituto Educacional Piracicabano da Igreja Metodista. <http://dx.doi.org/10.15600/2238-121x/comunicacoes.v17n2p51-64>. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/206>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc**. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: Volume 1 Fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BERGAMASCHI, Bárbara. O Eterno Nascimento da Forma: Fotopoemações de Anna Maria Maiolino. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p.210-237, dez. 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/40229/28142%2017%20deze mbro%20de%202019>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BOM-TEMPO, Juliana Soares. ASFALTO em intervenções urbanas: imagens em performance e o fabular de um povo por vir. **Climacom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte**, Campinas, v. 2, n. 2, p.10-15, 15 mar. 2018. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/asfalto-em-intervencoes-urbanas-imagens-em-performance-e-o-fabular-de-um-povo-por-vir/?fs=imprimir>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CAMPOS, Dafne Marcelle de Almeida Ramos. Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher. **18º REDOR. Perspectivas feministas de gênero: desafios no campo da militância e das práticas**. Recife: UFRP, 2014. Disponível em: <<http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/2032-4685-1-PB.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2019.

CINTRA, Elaine Cristina. A poética do desejo em Hilda Hilst. CINTRA, Elaine Cristina; SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e (Orgs.). **Roteiro poético de Hilda Hilst**. Uberlândia: Edufu, 2009, p. 43-67.

COSTA, Candé. Arte e a glamourização do sofrimento. **Revista Desvio- Arte Memória e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2018/10/16/arte-e-a-glamourizacao-do-sofrimento/>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

FERRACINI, Renato. **O corpo-subjétil e as micropercepções**: um espaço-tempo elementar. 2007. Disponível em: <<http://webartes.dominiotemporario.com/performancecorpopolitica/textostempoperfor mance/renato%20ferracini.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2019.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas).

GIL, José. Abrir o corpo. FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Orgs.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <<https://jogodetres.files.wordpress.com/2015/01/abrir-o-corpo-gil.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 81-90. Coleção Outros diálogos.

MARENGO, Mayana; MUNIZ, Zilá. Um olhar sobre *Material for the Spine*, de Steve Paxton. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p.1-9, 23 out. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-26602018000100151>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PANORAMA com Clarice Lispector. São Paulo: TV Cultura, 1977. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

PIZARNIK, Alejandra. **Os trabalhos e as noites**. Belo Horizonte: Relicário, 2018. Tradução Davis Diniz.

ROLLA, Marco Paulo. O corpo da performance. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 12, p.124-129, dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/download/2715/1581>>. Acesso em: 12 set. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Cantares de encontros, partidas e contradições: (uma leitura de Cantares, de Hilda Hilst). CINTRA, Elaine Cristina; SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e (Orgs.). **Roteiro poético de Hilda Hilst**. Uberlândia: Edufu, 2009. p. 113-156.

TRISHA Brown **Drawing/Performance**. Medtronic Gallery: Walker Art Center, 2008. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U7DQVW6qRq8>>. Acesso em: 30 out. 2019.